

Moita Macedo

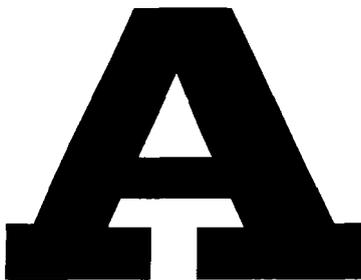
Um percurso original no abstracionismo português

A obra do “muito interessante poeta-pintor ou pintor-poeta”, falecido em 1983, com apenas 52 anos, tem uma mostra antológica no Centro Cultural de Cascais, aberta ao público até 8 de outubro. A exposição centra-se fundamentalmente, como neste texto de um reconhecida especialista se assinala, na “produção de desenho e de pintura de caráter mais ostensivamente abstrata e gestual” dos cerca de 14 anos finais da sua vida

FERNANDO ANTÓNIO BAPTISTA PEREIRA



Moita Macedo “Exploração de um modo quase caligráfico de desenhar e pintar, unindo escrita e pintura”



A atividade artística de Moita Macedo (José Albano Pontes Santos Moita Morais de Macedo, 1930-1983), que a exposição antológica do Centro Cultural de Cascais (CCC) documenta, centra-se quase exclusivamente na produção de desenho e de pintura de carácter mais ostensivamente abstrata e gestual que realizou nos cerca de 14 anos finais da sua não muito longa existência. Nessa fase da sua vida, o desenho e a pintura que compulsiva e obsessivamente produziu formalizam e manifestam outros, mais ricos e distintos, universos imaginários e processuais, que foi definindo tanto no campo da expressão plástica como no da poesia. Infelizmente, nem na exposição nem no catálogo, se dá o devido relevo à indissociabilidade entre pintura e escrita no processo artístico de auto-revelação deste muito interessante poeta-pintor ou pintor-poeta, ao contrário do que aconteceu na exposição realizada, há três anos, nesse lugar notável da Abstração em Portugal que é o Museu da Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva.

É importante recordar que só vários anos depois da morte do autor foi editado o fundamental da sua obra literária, com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, e estudada, em volumes dedicados à Pintura e ao Desenho, a vasta obra plástica que realizou nesse curto intervalo de tempo de 14 anos. Graças à iniciativa de um dos seus filhos, o destacado economista Paulo Macedo (ex diretor-geral do Ministério das Finanças e ministro da Saúde, atual presidente da Comissão Executiva da Caixa Geral de Depósitos e da Culturgest), tem sido possível apresentar, em inúmeras exposições de carácter antológico, em

diversos museus e galerias do país, com catálogos prefaciados por críticos ou historiadores de arte, como agora acontece também.

Mesmo com as aludidas limitações, a exposição no CCC, 'interrompida' pela pandemia mas agora reaberta ao público, permite-nos revisitarmos algumas das principais variantes formais estruturantes da obra deste expressionista abstrato, em que o gesto informal se cruza intrinsecamente com a **Uma imensa panóplia de recursos expressivos, da articulação entre a mancha de cor e os traços soltos, aos automatismos e à manipulação livre dos instrumentos de desenho e pintura**

escrita e a poesia, apesar de esta só estar citada no catálogo através de versos que se tornaram clichés na referência ao poeta/pintor.

No muito citado poema "Definição" de uma plástica, o poeta/pintor Moita Macedo caracterizou o seu ambivalente gesto criador na pintura e na escrita através dos significativos versos: "E embebo de uma cor avermelhada/ o traço com que firo as minhas telas." Num outro poema, em que se refere diretamente aos vários "Cristos" que desenhava/pintou - "Sou um pintor de cristos/ Dos mais desajeitados/ Não sei pintar sorrisos/ Só rostos macerados" -, desvelou, de um modo cristalino, essa imanência gestual presente tanto na escrita poética como na criação pictórica: "No todo são gestos/ Angústias de facto/ Do homem verdade/ Do nosso retrato."

Moita Macedo foi pintor de poemas, assim como poeta de pinturas, tal como, de modo paradigmático, se definiu não só nos agora já muito citados versos "Pintei versos/ Escrevi quadros/ Movido pela ilusão/ De ser pertença da terra/ Ventre, presente e razão", mas também noutros pequenos poemas. Em

primeiro lugar, ao sussurrar "Na poesia a cor/ no quadro o verso"; depois, ao afirmar, lapidariamente, "Libertar-me do limbo/ Só, comigo/ Quando pintando/ Idealizo o verso/ Onde me digo."

Mas Moita Macedo foi também um pintor que desenhava abundantemente, muito mais do que pintou sobre tela, cartão ou mesmo papel. Tal como escreveu inúmeros poemas, que, com inteira justeza, Urbano Tavares Rodrigues reconheceu como "páginas de um diário", os seus desenhos, nos mais variados materiais (grafite, carvão, tinta-da-china, óleo e acrílicos e até incorporando a colagem de outros elementos), suportes (papel, cartão cartolinas) e em variadas escalas, usando com frequência a cor, são, como tivemos ocasião de sublinhar na monografia que lhes dedicámos em 2005, o seu outro diário, o visual, em que se "retratou" no desenho e na pintura, como acontece no significativamente caligráfico "Reflexo de mim mesmo", de 1973, a contrapartida necessária dessas outras páginas em que se foi "dizendo" em poesia.

A nossa proposta de taxonomia dos universos temáticos que a sua obra tocou, "pintando-o" e "escrevendo-o" (Desejos, Rostos, Nus e Máscaras, os outros Eus - "Tauromaquias", "Cristos e Calvários", "Quixotes" - Evasão e Utopia, Libertação do Gesto Criador), que é vagamente desenhada no catálogo da exposição do CCC, tem precisamente em conta a indissociabilidade entre poesia e pintura nesse "dizer-se a si próprio" em que se revela e desvela, em palavras e imagens, a existência do autor. E, com efeito, no poema "Os Desenhos", ao afirmar que "O desenho fere e dói/ É alegria mas rói/ Na coragem da verdade/ Libertação dos sentidos/ Libertação dos vestidos/ Corpo e sonho / Flor e lança...", anuncia, assim, numa curta mas incisiva inscrição poética, os grandes tópicos estruturantes do seu processo de "libertação do gesto criador", que culminará numa original prática de um gestualismo expressionista, de matriz caligráfica e informal, tendencialmente abstrato, que

se materializa, finalmente, nos “quadros e versos” em que se escreveu/pintou.

É claro que o desenho que “fere e dói” ou o “traço” com que “fere as telas” é, uma vez mais, uma metáfora poética e não um ato literal e direto, como Lucio Fontana cortando ou

Uma exuberante performatividade da execução traduz-se sempre numa multiplicidade de efeitos na relação entre os materiais e os suportes

perfurando os seus suportes ou Miró queimando as suas telas. Mas é sempre gesto violento de uma escrita pictural performativa, usando e projetando instrumentos de desenho e materiais de pintura (tintas e outras matérias) sobre variadas superfícies, obtendo, em muitos casos, valores e até mesmo relevos. A intrínseca performatividade do seu gesto pictural, que, em rigor, se enraizara numa quotidiana prática do desenho, acabou por traduzir-se, de forma generalizada, no carácter indiscutivelmente matérico da grande maioria das composições, nos desenhos a óleo ou a acrílico sobre papel colados sobre tela, ou, ainda, nos desenhos monocromáticos realizados a carvão, a tinta-da-china ou a acrílico sobre papel. De resto, essa exuberante performatividade da execução traduz-se

sempre numa multiplicidade interpelante de efeitos texturais na relação entre os materiais e os suportes, de que serão exemplo mais paradigmático os desenhos sem título datados de 1970 e 1971 e os que, sem data, pela sua proximidade estilística com o “A um Deus Egípcio”, de 1983, terão sido executados nos últimos anos de vida do autor.

A maioria das peças presentes nesta exposição do CCC integra-se, assim, no último grande núcleo temático que descortinamos na sua obra, que associa às temáticas da “Evasão e Utopia” a procura mais intensamente vivida por Moita Macedo nos cerca de 13 anos finais da sua vida: o que o próprio artista descreveu nos textos teóricos que elaborou nesses anos como a “libertação do gesto criador”, em linha, de resto, com a libertação então vivida pelo Povo Português no pós-25 de Abril.

O traço comum a toda esta vertente da obra do pintor, seguramente a que lhe alcançará maior reconhecimento no futuro, enquanto percurso original no Abstracionismo Português, como se assinala (e bem) no catálogo da mostra, pela incessante busca experimental de uma expressão de si, reside na exploração de um modo quase caligráfico de desenhar e de pintar, unindo assim escrita e pintura, como na milenar tradição chinesa, topos igualmente abraçado na arte internacional a partir dos anos 60 do século XX (Poesia Visual, Concretismo, entre outras tendências de cruzamento entre palavra e imagem).

É extremamente interessante verificar que, ao definir a sua obra como expressão de si, que

no seu caso é poética e pictural indissociavelmente, como já vimos, o artista se insere numa já longa tradição europeia da auto-mimese, que, como demonstrou Frank Zöllner no seu ensaio de 1992, se consagrou no aforismo platonizante surgido em Florença entre 1477 e 1479 *Ogni Pittore dipinge sé*, nem sempre valorizado pelos grandes artistas como Leonardo, mas intensamente defendido pelo nosso Francisco de Holanda no seu *Da Pintura Antiga* (1548): “Por meu conselho o engenho excelente e raro não deve contrafazer ou emitir a nenhum outro mestre; senão emitir se antes a si mesmo e fazer por dar elle aos outros antes novo modo e nova maneira que emitir e do que possam aprender”.

Para dar forma plástica a essa auto-mimese, Moita Macedo recorreu a uma imensa panóplia de recursos expressivos, desde a articulação entre a mancha de cor e os traços soltos, como uma garatuja, aos automatismos e à manipulação assaz livre dos instrumentos de desenho e pintura, numa deliberada interpenetração entre ambos, desde o jogo com a cor do suporte, explorando o negativo, à estridência das manchas e pinceladas de cores, por vezes isoladas e espessadas por outros materiais, redundando no relevo matérico, consumando, assim, na sua poética pictural, a “libertação do gesto criador”! ■

**Fernando António Baptista Pereira, historiador, ensaísta e crítico de arte, programador de várias grandes exposições, presidente da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, de que também foi presidente dos conselhos Científico e Pedagógico*



Moita Macedo "Se de mim/ só ficou o poema/ mesmo assim/ valeu a pena"

Entre a pintura e a literatura

Moita Macedo nasceu em Benfica do Ribatejo, Almeirim, em outubro de 1930, e morreu em Lisboa, com apenas 52 anos, em maio de 1983. Autodidata, além de pintor e desenhador foi poeta, homem de esquerda interveniente. Oriundo de uma família tradicional, com um avô, médico, deputado na I República, fez o serviço militar na antiga Índia Portuguesa, onde começou a trabalhar artesanalmente com barro e marfim. Funcionário dos escritórios da Siderurgia Nacional durante 24 anos, foi diretor das Atividades Culturais e do jornal do seu Clube do Pessoal, para o qual desenhou ainda uma escultura em aço com cinco toneladas. Na Cooperativa Gravura, então muito ativa e editando obras de numerosos artistas, conheceu Almada Negreiros, em 1963, com ele fazendo as primeiras experiências em gravura sobre o vidro. Começou a expor a partir de 1971 e dirigiu duas galerias de arte. Em 1980 co-organizou a exposição *Viagem ao Mundo da Linha, da Forma e da Cor*. Colaborando na imprensa, só no ano da sua morte publica, com outros três autores, o livro de poesia *Cantares de Amigo*. Assim, a maioria dos seus poemas, entre a poesia popular e o primeiro neorrealismo, só são editados postumamente ("Queria/ Que os meus poemas fossem gritos/ Capazes de romperem alvoradas/ Que não fossem só letras/ Ou escritos/ Mas tivessem as marcas das enxadas"). Após a sua morte são-lhe feitas várias homenagens, e organizadas muitas exposições, algumas com magníficos catálogos que também incluem poemas e outra documentação, como as do Palácio da Bolsa do Porto (2015), no Museu Ibero-americano de Arte Contemporânea, em Badajoz (2017), no Museu Arpad Szenes / Vieira da Silva, em Lisboa (2018). O arqtº Souto Moura fez um projeto para uma praça que terá o seu nome, em Sintra. **TM**